



PENSANDO ÁFRICAS
E SUAS DIÁSPORAS
NEABI – UFOP

Pensando Áfricas e suas diásporas

www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/pensandoafricanas

NEABI – UFOP - Mariana/MG

Vol. 01 N. 01 – jan/jun 2015

Anais do III Seminário Pensando Áfricas e suas diásporas - parte 2

Banda de Congo José Lúcio Rocha e OBloco: fortalecendo a cultura afro-brasileira.

Lúcia Goulart Travaglia

Resumo: O artigo tem como objetivo analisar as relações, durante os últimos seis anos, entre a Banda de Congo José Lúcio Rocha (grupo de congado da comunidade de Airões, distrito de Paula Cândido-MG) e OBloco (grupo de maracatu da cidade de Viçosa, criado pelos estudantes da universidade federal da localidade: UFV- MG). Para tanto, recorri à pesquisa histórica das tradições do Congado na comunidade de Airões e ao estudo sobre a modernização que dá origem ao grupo de Maracatu na cidade de Viçosa. Este trabalho nos permite visualizar como a cultura afrobrasileira tem sido valorizada de maneira crescente durante as últimas décadas, contribuindo assim para a inserção e fortalecimento da identidade afro nos processos de sociabilização no Brasil. O trabalho de história oral possibilitou o entendimento de que, inevitavelmente, as tradições se transformam por estarem inseridas nas condições da modernidade. Ao mesmo tempo em que apresentam elementos culturais de sua origem histórica no Brasil, o Congado e o Maracatu desenvolvem rituais que afirmam características da localidade envolvida e do tempo presente. A relação entre os grupos em questão é compreendida como forma de perpetuar e fortalecer a cultura afro-brasileira: não se trata de persistirem no tempo de maneira imutável, mas do trabalho contínuo de ressignificação destas manifestações, sem deixar que se percam no tempo.

Palavras-chave: Banda de Congo José Lúcio Rocha; OBloco; Congado; Maracatu; Cultura afrobrasileira

Abstract: The objective of this article is to analyze the relations between the Congo Band José Lúcio Rocha (community group of Airões, district of Paula Cândido-MG) and OBloco (maracatu group of the city of Viçosa, created by the students of the federal university of the locality: UFV-MG). To do so, I turned to the historical research of the traditions of Congado in the community of Airões and the study on the modernization that gives rise to the group of Maracatu in the city of Viçosa. This work allows us to visualize how Afro-Brazilian culture has been increasingly valued during the last decades, thus contributing to the insertion and strengthening of afro identity in socialization processes in Brazil. The work of oral history has enabled the understanding that, inevitably, traditions are transformed by being inserted in the conditions of modernity. At the same time as they present cultural elements of their historical origin in Brazil, Congado and Maracatu develop rituals that affirm characteristics of the locality involved and of the present time. The relationship between the groups in question is understood as a way of perpetuating and strengthening the Afro-Brazilian culture: it is not a

[99/109]

*Banda de Congo José Lúcio Rocha e OBloco:
fortalecendo a cultura afro-brasileira.* • TRAVAGLIA, Lúcia Goulart.

question of persisting in time in an immutable way, but of the continuous work of re-signification of these manifestations, without letting them be lost in time.

Keywords: Congo Band José Lúcio Rocha; OBloco; Congado; Maracatu; Afro-Brazilian culture

Introdução

No ano de 2006, mais precisamente no terceiro domingo do mês de Outubro, a comunidade de Airões, distrito de Paula Cândido – MG, recebia pela primeira vez o grupo de percussão OBloco, de Viçosa – MG, como convidado para a tradicional festa de Nossa Senhora do Rosário, realizada pela Banda de Congo José Lúcio Rocha. Surgido no ano de 1888, segundo relatos dos membros do grupo, o Congado perpetua na atualidade diversas tradições de seu passado histórico, como a coroação de reis negros. Em contraposição, o referido grupo de Maracatu é surgido no ano de 2006 e se apresenta como uma “apropriação” da cultura popular oriunda do Recife-PE.

Segundo relatos de alguns integrantes do Congado, a Banda de Congo José Lúcio Rocha existe há 124 anos. No entanto, para além do conhecimento transmitido pela oralidade dos mais velhos para os mais jovens, não existem documentos escritos que deem embasamento para esta história. As lembranças mais antigas remetem à infância de Antônio Boi, atual mestre da Banda de Congo, e Seu André, Congo bastante participativo, ambos na faixa dos 70 anos de idade. Segundo Antônio Boi:

Aqui em Airões, segundo as pessoas que faleceram, dá 122 anos. Eu não conheci nenhum deles, dos primeiros; mas o seu Raimundo Januário e Seu Zé Lúcio, eles treinavam aqui um grupo de pessoas. (...) Se chamava Banda de Congo Nossa Senhora do Rosário. Com o falecimento do Seu José Lúcio é que pusemos o nome dele, como de Banda de Congo José Lúcio Rocha. E esse grupo de Congado é assim: vai morrendo uns, vão chegando outros. Não tem ninguém aí com 100 anos pra contar; não tem ninguém com 90 né.¹

Sendo um grupo centenário, o Congado de Airões carrega algumas tradições representativas de seu passado histórico que foram apreendidas através dos ensinamentos dos antigos mestres da Banda de Congo. Dentre elas podemos destacar o mito de Nossa Senhora do Rosário, que dá origem à Banda de Congo, as embaixadas e músicas cantadas, o culto aos ancestrais, as vestimentas e o almoço oferecido no dia da festa do Congado.

¹ ANTÔNIO BOI. Entrevista concedida a L.G.T. Setembro de 2010.

Em contrapartida, o grupo OBloco de Viçosa-MG, composto majoritariamente por estudantes da Universidade Federal de Viçosa, pode ser percebido como expressão da modernidade, já que apresenta uma manifestação afro-brasileira típica de Recife- PE, o Maracatu.

Desde seu ano de fundação, OBloco nunca deixou de participar de nenhuma Festa do Rosário em Airões, e mais, através do mestre Antônio Boi, passou a ser convidado para outras festas de Congado na região da Zona da Mata mineira, como Senador Firmino, Brás Pires, São Miguel do Anta, Barros e Canaã.

Objetivo

Tendo em vista a intensidade e durabilidade de seis anos da relação entre a Banda de Congo José Lúcio Rocha e OBloco, o presente artigo se propõe a analisar algumas questões que fundamentam esta parceria. Para tanto recorri à pesquisa histórica das tradições da Banda de Congo José Lúcio Rocha, na comunidade de Airões, distrito de Paula Cândido - MG, e ao estudo sobre a modernização que dá origem ao grupo de Maracatu na cidade de Viçosa.

Metodologia

A metodologia utilizada está inserida na vertente da História Cultural e leva em conta que cultura é um fenômeno múltiplo, diversificado e não homogêneo, e que, portanto, especifica e traduz a particularidade do objeto em questão. Seguindo a antropologia interpretativa de Geertz, analisamos a manifestação cultural como um universo autoexplicativo, para além das generalizações dominantes.

Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis, a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade.²

Sendo assim, a História Oral foi utilizada como forma de apreender o contexto dos grupos em suas especificidades. Foram realizadas entrevistas com registros de imagens e áudio: os “Congos” puderam relatar as tradições de sua manifestação, que são perpetuadas na

² CLIFFORD, Geertz. *A interpretação das culturas*. LTC (Livros Técnicos e Científicos Editora S.A.). 1ª ed., reimpr. Rio de Janeiro, 2008. p .10

atualidade sempre associadas a um passado histórico, e os “batuqueiros” do Maracatu puderam falar sobre a importância de suas relações com as tradições do Congado.

Dentre as características tradicionais da Banda de Congo José Lúcio Rocha, notamos que, mais do que associadas às práticas materiais, as tradições se expressam em elos subjetivos que constituem sua cultura. Assim, são perpetuadas nas mais diversas maneiras, como na utilização da farda branca e do capacete ornamentado, nas danças, músicas e embaixadas pronunciadas de forma repetitiva ao longo dos anos, no louvor e no mito fundador relacionado a Nossa Senhora do Rosário, no oferecimento do almoço para toda a comunidade no dia da festa, no culto aos ancestrais, na passagem do ofício de ser congo aos descendentes familiares, etc.

Para os batuqueiros do Maracatu, a ligação com a Banda de Congo José Lúcio Rocha remete à fundação do grupo, no ano de 2006. Nascido no mês de junho, OBloco foi convidado a participar da Festa do Rosário em outubro daquele ano, através do contato que alguns integrantes do grupo já tinham com o congado. Com o passar do tempo, passou a ser convidado a se apresentar nas festas de Congado de outras cidades da região, como as de Senador Firmino, Canaã, Barros, Brás Pires e São Miguel do Anta. Assim, o Maracatu surgido na zona da mata mineira, se desenvolveu ao longo dos últimos seis anos em meio ao aprendizado e a vivência das tradições do Congado.

Referências teóricas

1- Constituição dos Congados no Brasil

Os Congos, Congados e Congadas no Brasil compreendem uma grande variedade de folguedos populares expressivos da cultura afro-brasileira, em que se destacam de maneira predominante tradições históricas e costumes tribais de Angola e Congo. Constituindo o que é chamado por estudiosos de “cortejo real”, trata-se de festas brasileiras de coroação dos Reis de Congo, geralmente associadas às irmandades religiosas, em que comunidades negras escravizadas elegiam seus reis como forma de organização social e expressão cultural.³

³ RABAÇAL, Alfredo João. *As Congadas no Brasil*. São Paulo, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, Conselho Estadual de Cultura. (Col. Folclore, n.º 5), 1976. p. 8

Segundo Mello e Souza, estas festas são realizadas desde o século XVI na Península Ibérica, existindo na América espanhola, portuguesa e na Nova Inglaterra. No Brasil, onde teve maior disseminação, este fenômeno persiste até os dias de hoje e pode ser encontrado em diversas regiões.⁴

As coroações de reis negros fazem parte do processo de sociabilização que os escravizados desenvolveram no Brasil colonial. Tendo em vista que negros de diversas regiões africanas, com as mais diferentes culturas e costumes, eram agrupados em portos para a comercialização como mão de obra escrava, é coerente pensar que na vida colonial os escravizados se uniam em torno das coroações de reis negros, como forma de reconstruir processos de sociabilização e de criar novos laços de união. Se haviam sido afastados de sua terra natal, cultura, costumes e tudo mais que os era familiar, fazia-se necessário encontrar novas formas de identificação social na vida da colônia.

Escolher reis ou capitães foi uma das formas encontradas pelos africanos escravizados para recriarem uma organização comunitária. Traficados por várias rotas que ligavam o interior do continente à costa, africanos de diferentes etnias, separados de suas sociedades de origem, se misturavam nos entrepostos comerciais, até formarem o lote a ser embarcado num negreiro, rumo ao desconhecido (...). Nesse processo, inserido no quadro do sistema escravista colonial, tiveram de descobrir outras identidades e construir novas instituições⁵

Autores que estudam as festas de coroação de reis negros, como Marina de Mello e Souza e Mariza Soares, nos falam que as coroações aconteciam entre agrupamentos de negros que se identificavam como pertencentes a uma determinada “nação”. Trata-se de uma designação referente às etnias dos escravos na América portuguesa, de acordo com os mercados e portos em que estes foram comprados, assim como do lugar de procedência do navio negreiro. Dessa forma, as designações de nação Congo, Angola, Benguela, Caçange, Cabinda eram atribuições do colonizador, mas que acabaram por ser incorporadas pelos africanos.

No âmbito das festas de homenagem aos santos padroeiros, o costume era de elegerem reis, coroá-los em missa na igreja e acompanhá-los, em cortejos, na comunidade; tudo em homenagem ao santo padroeiro da irmandade, festejado com banquetes, músicas e

⁴ SOUZA, Marina de Mello e. *Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. p. 21

⁵ SOUZA, Marina de Mello. História, Mito e identidade nas festas de reis negros no Brasil – séculos XVIII e XIX. In: JANCSÓ, István e KANTOR, Iris (orgs.). *Festa: Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial, 2001. p. 249

danças de marcada origem africana. Os reis escolhidos eram responsáveis pela realização das festas e,

se há notícias de que no século XVIII, no Rio de Janeiro, eles se identificavam com nações diversas, em Minas Gerais eram sempre os reis do Congo os eleitos. E foi pelo nome de Congada que as danças realizadas por ocasião dos festejos em torno dos reis e dos santos ficou conhecida a partir do século XX.⁶

A constituição dessas festas baseada nos costumes e características culturais dos diversos povos que a compunham pouco a pouco se despiram de suas particularidades e todos os reis passaram a ser reconhecidos como rei do Congo, desaparecendo os reis de outras nações. Dessa forma, através da valorização das características comuns, em detrimento às diversidades étnicas, os africanos foram minimizando suas diferenças e recriavam formas de se sociabilizarem e cultuarem seus santos de devoção.

2- Modernidade e maracatu sem fronteiras

O Maracatu se trata de uma manifestação cultural afro-brasileira oriunda da cidade do Recife-PE. Assim como os Congados, apresenta uma corte fundamentada na coroação de rainha e rei negros acompanhados de uma percussão. No entanto, ao passo em que notamos a similaridade, também percebemos características distintas, como por exemplo, o culto aos orixás.

Maracatu-nação hoje designa uma manifestação da cultura pernambucana, especificamente da região do Recife e Olinda (ou metropolitana) que ocorre especialmente no período carnavalesco em que desfilam pelas ruas da cidade um cortejo real acompanhado de uma orquestra percussiva. (...). Rei e Rainha negros são acompanhados por uma corte na qual cada elemento tem um papel e significados simbólicos próprios. A presença real é anunciada pelo porta-estandarte que traz o símbolo da nação, seguido pelas damas de paço, que portam bonecas, as calungas, os ancestrais – eguns – orixás.⁷

Ligados às religiões do Candomblé ou da Jurema, as nações de Maracatu envolvem uma série de práticas que vão além das apresentações dos grupos. São formadas em bairros e comunidades que se expressam durante, principalmente, o carnaval, quando saem às ruas.

Segundo Isabel Guillen e Ivaldo Lima, durante o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, os Maracatus foram objeto de perseguição policial e eram noticiados

⁶ *Ibidem.* p.251

⁷ LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Entre Pernambuco e África. História dos maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960-2000)*. Universidade Federal Fluminense. Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em História. 2010.

nos jornais sempre envolvidos em “arruaças” e brigas, sendo assim identificados com a “selvageria e incivilidade africanas”. No entanto, a partir dos anos 1930 e 1940, os modernistas, no seu afã de descobrir o povo e a essência de nossa nacionalidade, focalizaram os maracatus e os retiraram das páginas policiais para as páginas centrais, que discutiam a cultura popular e a identidade regional.⁸

Em seu trabalho “Entre Pernambuco e África – história dos Maracatus-nação”, Ivaldo Lima nos fala sobre a história de alguns grupos, utilizando como referência pesquisas em jornais, acervos documentais e relatos de maracatuzeiros que fazem ou fizeram parte das nações. Apresenta uma análise sobre as transformações ocorridas em torno da manifestação a partir dos trabalhos de diversos autores que se ocuparam do tema durante todo o século XX. Diferente das perspectivas de muitos desses autores, que buscando as origens africanas da manifestação acabaram por homogeneizá-la, Ivaldo tem a preocupação de apresentar de que forma os maracatus acontecem, partindo das perspectivas das pessoas que os fazem.

Depois de Guerra Peixe, que esteve em pesquisas no Recife entre os anos de 1949 a 1951, quem escreveu sobre os maracatus o fez quase que na mesma perspectiva com que o fez Pereira da Costa, no início do século XX. Ou seja, buscando entender o que é o maracatu como manifestação homogênea, dotada de algumas características que lhe conferem identidade. Esta mesma perspectiva, de encontrar no maracatu elementos que lhe dão sentido enquanto manifestação única, sem diferenças entre os grupos é ainda forte o suficiente para servir de fonte constituidora de informações para órgãos do poder público preparar folhetos e guias ao interessados em geral. O maracatu nesse sentido perde direito ao que lhe é característica fundamental (as diferenças!), e passa a ser descrito como uma manifestação cultural homogênea(...). Em seus textos algumas imagens são recorrentes: a coroação de reis e rainhas congo, a africanidade dos maracatus (uma africanidade baseada, sobretudo, em uma profunda homogeneidade do continente africano), a permanência da tradição e uma obsessiva preocupação com a origem da manifestação. A visão desses autores é sempre macroscópica, privilegiando a manifestação cultural e não os sentidos que lhe são atribuídos por quem as faz. A imutabilidade parece ser o tema privilegiado por esses autores e o maracatu, o reduto da tradição.⁹

Neste sentido, o autor discorre sobre os meios em que maracatuzeiros, a partir da década de 1960, se utilizaram para legitimar sua manifestação na cultura pernambucana. Longe da passividade e da homogeneidade, os batuqueiros se destacam como indivíduos que lutam pelo espaço de seus grupos no cenário geral da cultura pernambucana. Hoje, notamos que cada Maracatu-nação possui seu estilo, ritmo, instrumentos, cores e características específicas.

⁸ GUILLEN, Isabel Cristina Martins, e LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Os Maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960-1990)*. Revista de História [14]; João Pessoa, jan./Jun. 2006. p.185 e 186

⁹ LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Entre Pernambuco e África. História dos maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960-2000)*. Op. Cit. p. 35 e 36.

Entre os anos de 1960 e 1965, a antropóloga norte-americana, Katarina Real, atentou para o possível desaparecimento dos maracatus em suas pesquisas sobre as manifestações populares pernambucanas. Seu livro *O folclore no carnaval do Recife*, cartografou os grupos de maracatu existentes naquele período e constatou sua brutal diminuição em quantidade durante os carnavais dos primeiros anos da década de 1960, “quando desfilaram não mais do que cinco maracatus e destes, dois deixaram de existir durante sua pesquisa.”¹⁰

De acordo com Guillen e Lima, acredito ser de fundamental importância destacar dois acontecimentos ocorridos neste período, que teriam marcado profundamente a manifestação dos maracatus na cidade do Recife. No ano de 1962, dona Santa, rainha do Maracatu Elefante, veio a falecer e o referido maracatu deixou de desfilar por um suposto pedido de sua rainha. O segundo se refere à invenção de uma tradição no ano de 1960, a Noite dos Tambores Silenciosos, criada pelo jornalista Paulo Viana, e que ao longo dos anos foi transformada e ressignificada pelos maracatus, atribuindo-lhe forte sentido religioso para celebração dos eguns. “Em se tratando de cultura afro-descendente, a Noite dos Tambores Silenciosos tornou-se uma referência obrigatória, e qualquer maracatu-nação que preze as ‘tradições africanas’ tem o dever de nela participar.”¹¹

Em meados dos anos 1990, os maracatus adentram o espaço da mídia devido principalmente ao surgimento do movimento *manguebeat*, que misturava ritmos tradicionais da música pernambucana, como o Maracatu, o Côco e o Cavalinho marinho, a elementos da música moderna de ampla circulação internacional, como o punk, rock e o hip-hop. Desta forma, surgem uma série de artistas e músicos, dentre eles Chico Science à frente da banda Nação Zumbi, com uma clara influência do Maracatu, e Siba, na Mestre Ambrósio, todos identificados como parte desta “nova cena” (como se diz muitas vezes) musical.¹²

Conhecido como “Primeiro Manifesto Mangue”, publicado em 1992, o texto de Fred Zero Quatro (Fred Rodrigues Montenegro) é bastante expressivo das propostas do movimento. Mais que isso, nos dá uma percepção das causas e efeitos que o mesmo teria para a cidade do Recife, articulando, não só ideias sobre a cultura, mas também sobre ecologia, economia e sociedade.

¹⁰ REAL, Katarina. 1990. Apud GUILLEN, Isabel Cristina Martins, e LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Os Maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960-1990)*. Revista de História [14]; João Pessoa, jan./Jun. 2006. p.188

¹¹ *Idem*.

¹² SANDRONI, Carlos. *O mangue e o mundo: notas sobre a globalização musical de Pernambuco*. In: Claves, nº7. Maio, 2009. p.64

Emergência! Um choque rápido ou o Recife morre de infarto! Não é preciso ser médico para saber que a maneira mais simples de parar o coração de um sujeito é obstruindo as suas veias. O modo mais rápido, também, de infartar e esvaziar a alma de uma cidade como o Recife é matar os seus rios e aterrar os seus estuários. O que fazer para não afundar na depressão crônica que paralisa os cidadãos? Como devolver o ânimo, deslobotomizar e recarregar as baterias da cidade? Simples! Basta injetar um pouco de energia na lama e estimular o que ainda resta de fertilidade nas veias do Recife. Em meados de 91, começou a ser gerado e articulado em vários pontos da cidade um núcleo de pesquisa e produção de idéias pop. O objetivo era engendrar um circuito energético, capaz de conectar as boas vibrações dos mangues com a rede mundial de circulação de conceitos pop. Imagem símbolo: uma antena parabólica enfiada na lama. [...]. Bastaram poucos anos para os produtos da fábrica mangue invadirem o Recife e comecem a se espalhar pelos quatro cantos do mundo. A descarga inicial de energia gerou uma cena musical com mais de cem bandas. No rastro dela, surgiram programas de rádio, desfiles de moda, vídeo clipes, filmes e muito mais. Pouco a pouco, as artérias vão sendo desbloqueadas e o sangue volta a circular pelas veias da Manguetown.¹³

Assim, as batidas do maracatu chegaram a lugares bastante distantes do nordeste, abrangendo não só as outras regiões brasileiras, como também a outros países, como Estados Unidos, Japão, Rússia, Alemanha e Dinamarca, em um processo de globalização e interconexão cultural vivenciados na modernidade.

Conclusão

Nos últimos anos, a Banda de Congo J.L.R. tem se apresentado em lugares e ocasiões diversas, para além do distrito de Airões e das pequenas cidades vizinhas em que celebram santos padroeiros, realizam a coroação de reis negros e homenageiam ancestrais da localidade.

O Congado tem sido convidado a se apresentar na Universidade Federal de Viçosa, com um público que admira e acha “curioso” o louvor a esta Santa e, no ano passado, a Banda de Congo José Lúcio Rocha foi convidada a se apresentar em uma emissora de televisão, a “TV século XXI”, em Valinhos - SP, com direito a palco, luzes, microfones e várias câmeras que transmitiam sua apresentação ao Brasil inteiro. Esta apresentação durou quinze minutos. Algumas embaixadas e músicas foram cantadas para a apreciação do público, mas não tinha coroação de Reis, lamento à porta da Igreja, homenagem aos antepassados...¹⁴

Assim, o congado de Airões nos mostra que tem a capacidade de ser bastante espontâneo, e que pode transformar ou adaptar suas tradições às condições modernas em que tem se apresentado.

¹³ Zero Quatro. *Caranguejos com cérebro*. 1992. Disponível em: http://pt.wikisource.org/wiki/Caranguejos_com_c%C3%A9rebro

¹⁴ TRAVAGLIA, Lúcia Goulart. *Tradição e Modernidade no congado de Airões, Paula Cândido – MG*. Monografia apresentada à Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, 2011. p. 54

Desde 2006, a parceria com OBloco ocorre de forma bastante natural. Os grupos se encontram em algumas ocasiões durante o ano para tocar, cantar e dançar, como no dia 13 de maio, quando festejam a abolição da escravidão e o aniversário da banda de congo. Mas a principal ocasião acontece na Festa de Nossa Senhora do Rosário, momento de maior importância para o Congado, regado às antigas tradições da comunidade, quando realizam a coroação de reis e homenageiam os antepassados, sempre em torno do louvor à Santa padroeira.

OBloco chega em Airões no sábado anterior à festa, para participar do levantamento do mastro, e no domingo acompanha os Congos na alvorada, das 5h às 8h da manhã, percorrendo toda a cidade em cortejo ao longo do dia. No fim da tarde ainda seguem os Congos na troca de coroas do Reinado e do agradecimento final.¹⁵

Quando indagados sobre a participação d'OBloco na Festa do Rosário, os congos nos falam que o Maracatu contribui na realização do cortejo, pois “descansam os congos” enquanto tocam. Além disso, Emerson nos fala: “eu não tenho dúvidas de que o objetivo de Antônio Boi é sempre de trazer um brilho a mais para a Festa do Rosário.”¹⁶

Notamos que a relação entre os grupos ultrapassa uma preocupação excessiva com as tradições realizadas de forma imutável. Trata-se de fortalecer e perpetuar a cultura afro-brasileira em um trabalho de ressignificação adaptado à localidade em que ocorre e ao tempo presente.

Referências bibliográficas

CLIFFORD, Geertz. *A interpretação das culturas*. LTC (Livros Técnicos e Científicos Editora S.A.). 1ª ed., reimpr. Rio de Janeiro, 2008.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins, e LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Os Maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960-1990)*. Revista de História [14]; João Pessoa, jan./Jun. 2006.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Entre Pernambuco e África. História dos maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960-2000)*. Universidade Federal Fluminense. Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em História. 2010.

RABAÇAL, Alfredo João. *As Congadas no Brasil*. São Paulo, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, Conselho Estadual de Cultura. (Col. Folclore, n.º 5), 1976.

¹⁵ *Ibidem*. p. 39

¹⁶ EMERSON. Entrevista concedida a L.G.T. 2011

SANDRONI, Carlos. *O mangue e o mundo: notas sobre a globalização musical de Pernambuco*. In: Claves, nº7. Maio, 2009.

SOUZA, Marina de Mello e. *Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

SOUZA, Marina de Mello. “História, Mito e identidade nas festas de reis negros no Brasil – séculos XVIII e XIX.” In: JANCÓS, István e KANTOR, Iris (orgs.). *Festa: Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial, 2001.

ZERO QUATRO, Fred. *Caranguejos com cérebro*. 1992. Disponível em: http://pt.wikisource.org/wiki/Caranguejos_com_c%C3%A9rebro. Acesso em: 16 dez. 2012

TRAVAGLIA. Lúcia Goulart. *Tradição e Modernidade no congado de Airões, Paula Cândido – MG*. Monografia apresentada à Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, 2011.